



**IX Congresso Latino-Americano de
Estudos do Discurso ALED 2011**

1 a 4 nov 2011

Belo Horizonte - Brasil
Universidade Federal de Minas Gerais

Discursos da América-Latina:
vozes, sentidos e identidades

**ALED - Associação
Latino-Americana de
Estudos do Discurso**

DA GRAMÁTICA AO DISCURSO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DE MARCADORES DISCURSIVOS¹

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

Resumo

Neste texto, discutimos os limites entre os níveis linguísticos da gramática e do discurso, mostrando que não há uma fronteira clara entre eles, por meio da análise de procedimentos discursivos de marcação de evidencialidade/modalização no português. São consideradas construções oracionais de base verbal, cujo traço semântico-discursivo está relacionado à cognição/percepção. Os dados de análise são de fala e escrita.

Palavras-chave: gramaticalização; categorias verbais

1. Introdução

Procedimentos discursivos são o conjunto de processos interacionais atuantes no planejamento e na verbalização da situação comunicativa. Além das peculiaridades regionais, pressões de ordem pragmática podem vir a se sobrepor às exigências da sintaxe, fazendo com que as estruturas sejam adaptadas ao contexto. Interessam para esta investigação os procedimentos discursivos concebidos como resultado de ações pragmaticamente controladas, os quais podem ser enquadrados em uma trajetória de gramaticalização. A gramaticalização é o processo de emergência e regularização das

¹ Este trabalho é um desdobramento do projeto *Procedimentos discursivos na fala e na escrita de Itabaiana/SE* (06/FAPITEC/2000) executado junto ao Programa Institucional de Iniciação Científica da UFS no período de 2009-2010.

formas linguísticas na sua trajetória do discurso para a sintaxe (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE et al., 1991). Permeando a mudança, estão pressões sociais (analisadas sob a perspectiva da sociolinguística variacionista), as quais atuam direcionando a mudança linguística (cf. FREITAG, 2007).

Construções formadas por verbo + complemento oracional, em dados contextos, podem funcionar como marcadores de processos interacionais atuantes no planejamento e na verbalização da situação comunicativa. Particularmente, construções de verbo dicendi cognitivo/perceptual na 1ª pessoa do singular, como: “eu acho que”, “eu penso que”, etc., pela 3ª pessoa do singular, como: “parece que”, “diz que”, etc. e: pela 1ª pessoa do plural, como: “vamos dizer que”, “vamos supor que”, “digamos”, etc., podem funcionar como estratégias de evidencialidade/modalização (FREITAG, 2003); demonstrar tal funcionamento é o objetivo deste trabalho.

A perspectiva teórica adotada para a análise reúne pressupostos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV, [1972] 2008, 1982, 1994, 2010) – presentena constituição e coleta de dados – e da teoria funcionalista de linha norte-americana, segundo a qual a gramática, motivada e explicada pela situação comunicativa, é estruturante de aspectos comunicativos da linguagem (a estrutura é vista como maleável e dependente da função), englobando, além da fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos pragmáticos inferenciais (TRAUGOTT, 1989; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995; GIVÓN, 1995). Para subsidiar a análise, foram considerados dados de fala e de escrita do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS.²

2. Estratégias de modalização/evidencialidade

Para definir evidencialidade e modalização, retomamos o que foi discutido em Freitag (2003). Evidenciais são definidos por Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p.

² Para a análise do fenômeno em questão foram utilizados dados de fala e de escrita de duas amostras – Entrevistas Sociolinguísticas e Fala & Escrita – que compõe o banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade. A amostra Entrevistas Sociolinguísticas conta atualmente com 12 entrevistas de falantes universitários. A amostra de Fala & Escrita, nos moldes do banco de dados do projeto Discurso & Gramática (FURTADO DA CUNHA, 2000), é constituída por 20 informantes, estratificados socialmente, que produziram cinco tipos de texto – narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião – primeiramente na modalidade oral e depois na modalidade escrita, totalizando 200 textos.

184) como marcadores que indicam algo sobre a fonte de informação da proposição. Os estudos sobre evidencialidade são relativamente recentes, sem que haja consenso quanto às fronteiras desse domínio. Palmer (1986), assim como Bybee et al. (1995) coloca a evidencialidade junto aos julgamentos, no âmbito da modalidade epistêmica. Casseb-Galvão (2004) aponta que há autores que diferenciam modalidade e evidencialidade, ao passo que outros reconhecem a evidencialidade como uma categoria modal que pode ou não estar se gramaticalizando. Casseb-Galvão (2004) sugere a hipótese do provável desenvolvimento do sistema evidencial gramaticalizado no português do Brasil, como (1).

- (1) vai chover
 acho que vai chover
 parece que vai chover
 diz que vai chover

Em cada uma das quatro frases de (1), o conteúdo proposicional expresso é “vai chover”. As construções *acho que*, *parece que* e *diz que* acrescentam ao conteúdo proposicional a origem da informação: *acho que* é uma marca de informação direta/primária; *parece que* é uma marca de informação indireta/comum a duas ou mais pessoas e *diz que* é uma marca de informação indireta/externa.

À luz desta hipótese, nas seções a seguir, analisamos as construções oracionais com verbos cognitivos/*dicendi*/perceptuais de 1ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa do singular, a fim de verificar seu funcionamento como marcadores de evidencialidade/modalização.

3. Construções oracionais de 1ª pessoa do singular: marcadores de evidencialidade/modalização³

Construções oracionais de 1ª pessoa do singular, especialmente *acho que*, são exemplos de processo de gramaticalização no português (CASSEB-GALVÃO, 1999; FREITAG, 2003). Vejamos.

(2) Eu *acho* chiclete em todos os lugares em que me sento.

(3) Eu *acho* um absurdo o comportamento daquele advogado.

³ A coleta de dados referente a estratégias de base verbal de evidencialidade/modalização de 1ª pessoa do singular foi realizada pela bolsista de Iniciação Científica (PICVol/UFS) Jackeline de Carvalho Peixoto.

Em (2), a forma em destaque apresenta-se em seu sentido pleno, isto é, possui o mesmo traço semântico de “eu encontro”. Entretanto, em (3), “acho” assume uma nova configuração sintática, e, conseqüentemente, uma nova função. Assume o traço semântico de “na minha opinião”, por exemplo, e é utilizado justamente para introduzir uma opinião, um marcador de opinião.

Os marcadores de evidencialidade marcam a relação do falante com a origem da informação da proposição. Em construções oracionais com verbo de percepção/cognição em 1ª pessoa do singular, por conta da relação dêitica estabelecida, a origem da informação é primária, como em (4).

(4) Bom, eu *acho que*a família é a base de to/ de tudo na vida, que a família é a base de tudo, porque, porque nós precisamos da família, por/ pois, pois amigos nós temos, mas os principais amigos são os da nossa família. (se ita mcj 11)

O excerto (4) ilustra a ocorrência da construção *acho que* atuando como um marcador de evidencialidade/modalização. Do ponto de vista formal, é constituída pelo verbo *achar* flexionado na 1ª pessoa do singular e do complementizador “que”, introdutor de complemento oracional. Conforme descrevem Casseb-Galvão (1999) e Freitag (2003), esta construção passa a atuar: i) como um marcador evidencial, porque atribui a origem da informação a uma fonte primária, tendo em vista a flexão de primeira pessoa do singular; e ii) também a função de marcador de opinião (cf. FREITAG, 2003), preparando o interlocutor para o que será dito posteriormente.

Porém, em outros contextos, a construção, além de carregar a marca de evidencialidade (origem da informação: fonte primária), pode funcionar como marcador de dúvida (cf. FREITAG, 2003), em contextos em que o falante não tem certeza ou não quer se comprometer com o que vai dizer, codificando a baixa adesão/não adesão do falante ao conteúdo proposicional, como ilustrado em (5):

(5) e aí agora com o pessoal do oitavo que é o pessoal que tá se formando... elas aglutinaram as pessoas juntaram as pessoas que... tavam no projeto da professora Josefa e o de Ana e que tem interesse... de tentar um mestrado... e aí a gente tem nesse grupo *acho que* na faixa de dez quinze pessoas... né? (se ita fp sq 02)

Em (5), não há relação de concordância entre o sujeito da oração “a gente” e a construção *acho que*, o que nos dá pistas de que esta funciona como um parentético

epistêmico,⁴ ocorrendo em posição livre na oração e sinalizando, também, uma instância mais avançado processo de gramaticalização. A construção *acho que* – e também outras construções oracionais de 1ª pessoa do singular como “eu acredito”, “eu creio”, “eu penso”, por exemplo – assume a função de sinalizar a adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional, dada sua fonte ser um verbo de traço cognitivo e na 1ª pessoa do singular. Entretanto, como visto, a depender da situação, a construção revela maior ou menor grau de adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional, além de expressar a fonte da origem da informação: marcador de evidencialidade/opinião [maior adesão] e marcador de evidencialidade dúvida [menor adesão].

Em uma perspectiva funcionalista, Givón (2001) define a gramática como um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso, o que implica na constante renovação do sistema linguístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes.

Há, todavia, outras construções de base oracional que também desempenham a função de marcador de opinião. Assim como *acho que*, as construções “pra mim”, “eu creio que” e “eu vejo que” atuam como marcadores de evidencialidade/modalização, com um comportamento muito próximo ao de *acho que* ante ao conteúdo proposicional: expressam a origem da informação contida no enunciado bem como o grau de adesão do falante em relação ao que disse. Vejamos (8).

(8) Então *pra mim* essa política de cotas que foi adotado na Universidade *pra mimeu* não tenho o que reclamar eu eu acho que deva ser assim mesmo... (se ita mp lq 03)

Observe-se que a construção *pra mim*, embora de natureza gramatical distinta, pode ser intercambiada com *acho que* (que aparece na mesma unidade discursiva sob análise, reforçando do valor de evidencialidade/marcador de opinião), na medida que

⁴ A categoria dos parentéticos, mais especificamente os epistêmicos, tem despertado o interesse para muitos estudos. Sob este rótulo costumam ser agrupadas construções que, entre outras propriedades, possuem a estrutura de 1ª pessoa singular + verbo no presente, como *I think*, (THOMPSON; MULAC 1991, p. 317). Parentéticos epistêmicos possuem outras propriedades. Os parentéticos estabelecem uma relação entre o que é dito e o que é implicado, e, por isso, se enquadram na categoria das implicaturas conversacionais; ou seja, condicionam a interpretação em que são lexicalmente encaixados, mas não contribuem para delinear o conteúdo referencial da frase (o tipo de situação que a frase se propõe a descrever). Os parentéticos epistêmicos são constituintes que não completam ou modificam um outro dentro de uma frase. Na realidade, eles interagem com a força assertiva da frase em que ocorrem, pois os parentéticos epistêmicos possuem propriedades evidenciais e epistêmicas, relacionadas à codificação da atitude do falante e seu julgamento acerca da informação proposicional da oração, que pode ser de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência.

ambas compartilha dos mesmos traços de descomprometimento e origem de informação: atribui a informação a uma fonte primária, o que é codificado pela forma pronominal de 1ª pessoa do singular.

(9) Como eu falei... não adianta você fazer por fazer você tem que se dedicar... chegando no terceiro período eu eu *creio que* em qualquer curso você já tem a noção do que vai ser pra frente... você só continua se quiser... (se ita mb lq 01)

A construção com o verbo “*crer*”, em destaque em (9), também funciona como marcador de opinião. Como a forma está flexionada na 1ª pessoa do singular, há um forte grau de adesão em relação ao conteúdo proposicional, tendo em vista que a fonte de informação é primária. Em (10) e (11), as construções com o verbo “*ver*”, cristalizadas na 1ª pessoa do singular, funciona como um marcador de percepção.

(10) Então o curso de geografia... é um curso que *eu vejo* como apesar de muita gente achar que é FÁCIL que é um curso que... ler MUITO mas é simples assim como deve acontecer também... pra o pessoal de letras... é um curso muito bom... (se ita fp sq 02)

(11) Considerando que são trinta que está formando então a gente tem mais ou menos cinquenta por cento que pretende estar... né? tentando mestrado ainda uma parte esse ano outra parte o outro então... *eu vejo que* há um interesse muito grande de continuar e eu acho que a responsabilidade é do próprio curso... (se ita fp sq 02)

Os marcadores de percepção possuem o mesmo comportamento que os marcadores de opinião e de dúvida. A diferença básica é que, por meio destas formas, o falante sinaliza suas observações experienciadas acerca de determinado assunto ou fato. Em (10), o falante sinaliza, com a construção *vejo que*, que percebe pela experiência empírica que o curso de Geografia é muito bom e que apresenta dificuldades, embora nem todos acreditem nisso. Em (11), por sua vez, o falante sinaliza perceber o interesse dos colegas de curso em fazer um mestrado. A percepção do falante, em ambos os casos, se realiza linguisticamente pela construção *vejo que*. Em nosso corpus, com exceção das formas *acho que* – ocorre como marcador de opinião e de dúvida – *vejo que* (que também ocorreu desempenhando a função de *marcador de percepção*), as demais construções de 1ª pessoa do singular ocorreram apenas com a função de *marcador de opinião*.

4. Construções oracionais com verbo *dicendi*/perceptual na 3ª pessoa do singular⁵

Verbos *dicendi* são utilizados no discurso reportado (discurso direto e discurso indireto). Dentre esses usos, destaca-se o verbo “dizer”, que, frequentemente, antecede a oração. Conforme pontua Casseb-Galvão (2004), a recorrência da construção oracional formada pelo verbo *dicendi* “dizer” mais complementizador leva à gramaticalização da forma na função de marcador de origem da informação: a forma *diz que* é utilizada para marcar a fonte da informação é de segunda mão, de outra pessoa que não o falante, noção semântico-discursiva relacionada à evidencialidade. A construção de 3ª pessoa do singular no tempo presente *diz que* sinaliza o descomprometimento do falante com o seu enunciado pode estar se gramaticalizando como marcador de origem da informação na língua portuguesa, como podemos verificar em (12).

(12) Teve um caso (hes) dum dum dinheiro que saiu *diz que* de um dinheiro do banco e esse dinheiro se fosse dividir entre a população do mundo inteiro ia dar uma vírgula quatromilhões pra cada cada um... (se ita mcj 01)

Em (12), o falante minimiza seu envolvimento com o conteúdo proposicional de seu enunciado: a construção *diz que* distancia o falante da referência à fonte de origem da informação de que o dinheiro é proveniente de um banco. Este tipo de ocorrência da construção refere-se a uma instância mais avançada da gramaticalização, na medida que funciona de modo independente na oração, como um parentético epistêmico. Vejamos mais algumas ocorrências da construção *diz que*.

(13) [...] eu não sei se meu patrão é uma regra exceção mas o meu incentiva a todos os funcionários a estudar que ele *diz que* quer ver o melhor da gente e só com estudo... (se ita mb lq 01)

(14) [...] gostei de assim de acompanhar assim a obra de ver de ver assim os trabalhos de tudo mais de de me interessei muito por construção essas coisas assim me sentia BEM muita gente *diz que* construção é estressante complicada mas... quando tinha um tempo disponível sempre ficava vendo a obra vendo os pedreiros trabalhar (se ita mp lq 08)

(15) [...] porque eu tenho os meus pensamentos e eu considero eles como certo... já ela considera o meu como errado porque *diz que* adolescente não pensa... adolescente (hes) não tem a cabeça no lugar digamos assim... (se ita mp lq 03)

Os excertos (13)-(15) estão ordenados em função da determinação do sujeito da construção oracional, desde o sujeito determinado, em (13), até a indeterminação do

⁵ A coleta de dados referente a estratégias de base verbal de evidencialidade/modalização de 3ª pessoa do singular foi realizada pelo bolsista de Iniciação Científica (PICVol/UFS) Thiers Andrade Soares.

sujeito, em (15), uso mais gramaticalizado da construção *diz que*. Em (13), a forma pronominal de 3ª pessoa do singular que é o sujeito da oração matriz da construção *diz que* tem como referência “meu patrão”. Trata-se de um sujeito definido e determinado. Em (14), a forma “muita gente” não estabelece vínculo referencial com o falante; funciona como uma estratégia de preenchimento de sujeito indefinido e indeterminado (mas há o preenchimento do sujeito oracional). Já em (15), a construção *diz que* ocorre sem vínculo sintático, diferentemente de (14), em que a presença do sujeito, ainda que indeterminado e indefinido, fazia com que houvesse integração entre a construção oracional matriz e o sujeito. Este é o uso mais gramaticalizado da construção *diz que* como estratégia de marcar evidencialidade. Nesta instância, a construção *diz que* sinaliza a origem da informação no seu enunciado, atribuindo a fonte a outrem, ao senso comum. Note-se que a construção de 3ª pessoa do singular no passado *disse que* marca sempre um dizer atribuído a um sujeito determinado, definido, como podemos verificar nos excertos (16)-(18).

(16) [...] aí ele *disse que* não ia entregar porque não estava devendo nada a eles... (F9_2)

(17) [...] a madrasta do meu avô *disse que* quando ela era moça, ela viu uma velha que fazia simpatia... (F9_2)

(18) [...] pai *disse que* ele é mais velho... que ele e pai... tem quarenta ((risos)) e um ano... (F6_1)

Nas ocorrências (16)-(18), a construção *disse que* exerce a função de relatar a fala de outra pessoa que não seja a do sujeito da preposição. Dessa forma, a origem da informação é sempre identificada, o falante se compromete com seu enunciado, usando a forma *disse que* para expor indiretamente uma informação sobre alguém. Assim, constatamos que o tempo verbal parece influir no processo de gramaticalização dos marcadores de evidencialidade/modalização, na medida em que estas funções parecem se cristalizar no tempo presente (*diz que*).

5. Gramaticalização das construções *vamos se dizer/vamos dizer/digamos*⁶

Como as construções *acho que* e *diz que* passam pelo processo de gramaticalização, possivelmente as construções verbais *vamos se dizer/vamos*

⁶ A coleta de dados referente a estratégias de base verbal de evidencialidade/modalização de 3ª pessoa do singular foi realizada pela bolsista de Iniciação Científica (PICVol/UFS) Heloísa Cristina Renovato.

dizer/digamos também são alvo desse processo, visto que todas elas possuem os mesmos traços funcionais, atuando como estratégia de descomprometimento e distanciamento do falante em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado. As formas de 1ª pessoa do plural com o verbo “dizer” *vamos se dizer/vamos dizer/digamos* funcionam como uma estratégia de distanciamento do falante que atua como uma marca de polidez, em que o falante promove uma fuga, e não se compromete com as interpretações que o ouvinte venha a fazer, dando-se assim a preservação de face. Vejamos os excertos (19)-(20).

(19) me atrapalhou no trabalho muito... e aí ficou meio... meio... meio assim... *vamos se dizer* dono ficou meio receoso... eu tinha apenas um ano de trabalho...

(20) mas:: em questões até:: *vamos se dizer*... psicológicas... eu acho que hoje... como tem... isso já tem muito tempo acontecido... estou melhor... tal... certas vezes eu ainda dá um:: dá uns impulsos meio esquisitos né? na cabeça uma dor de cabeça forte... você até dá um branco...

A construção é formada por uma forma perifrástica de futuridade (cf. GIBBON, 2000), com o verbo “ir” + infinitivo. Porém, há uma forma pronominal de indeterminação, com *se*, a qual funciona como estratégia de distanciamento e preservação da face. Ao mesmo tempo em que o falante demonstra adesão, com a forma de 1ª pessoa do plural (o que introduz compartilhamento da informação), também marca o distanciamento, com o pronome de indeterminação.

(21) Eu acho que poderia ter uma maior abordagem nela... assim do tipo (hes) incentivar mais os alunos porque hoje em dia aqui mesmo... *vamos dizer*... que não é todo mundo que é tão interessado com estudo (est) é eu não vou citar o meu exemplo porque ((risos)) mas aqui... percebe-se porque aqui o colégio eu vejo assim pessoas mais velhas... (M3_2)

(22) aí às vezes ela ficava até puxando o meu saco né? *digamos* assim entre aspas ((risos)) e aí quando eu saí do ensino fundamental e fui pro ensino ah quando eu saí do ensino fundamental não... quando eu saí da quarta série do ensino fundamental e fui pra quinta série do ensino fundamental... (se ita mp lq 03)

(23) mas depois quando eu terminei o ensino fundamental eu acabei namorando com uma menina que eu conheci que morava bem próximo a minha casa sabe? Mais por incentivo dela do que meu *digamos* assim... sabe? Porque ela que... como eu era ainda bastante tímido ainda né? Eu não tinha... toda essa coragem não ((risos)) (se ita mp lq 03)

Já em (22) e(23), a construção *digamos*, no modo subjuntivo, retifica e/ou modaliza o que foi dito, funcionando como um marcador de reformulação/modalização, com o objetivo de prover certo distanciamento do falante acerca do comprometimento sobre o assunto do qual falou. Trata-se, portanto, de uma estratégia de

descomprometimento: o falante não se compromete com as interpretações que o ouvinte possa vir a realizar, preservando, assim, a sua face.

6. Considerações finais

Embora sejam definidas e reconhecidas como entidades distintas, gramática e discurso não podem ser dissociados. As construções sob análise, originadas das formas verbais de primeira e terceira pessoas do singular e primeira pessoa do plural de verbos de traço cognitivo/dicendi/perceptual, funcionam como balizas para o conteúdo proposicional, isto é, opiniões, percepções, dúvidas, incertezas, (des)comprometimento e distanciamento por parte do falante em relação ao seu enunciado, e, por conta disso, podem estar se gramaticalizando como marcadores de evidencialidade/modalização. Nesta instância, suas características são tanto de elementos gramaticais, dadas suas regularidade e sistematicidade de recorrência, como de elementos discursivos, dado o seu escopo de atuação. As fronteiras entre gramática e discurso são, portanto, fluidas.

Referências

BYBEE, Joan; PERKINGS, Revere; PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. De predicação matriz a operador evidencial. Gramaticalização de diz que. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 8, n.1 e n.2, p. 163-181, jan./dez. 2004.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Dissertação. Campinas: Unicamp, 1999.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

FREITAG; Raquel Meister Ko. O papel de frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis. **Veredas**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 113-132, jul./dez. 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Procedimentos discursivos na fala de Natal**: uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRN, 2000.

GIBBON, A. **A expressão do futuro na língua falada em Florianópolis**: variação e gramaticalização. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrich; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2a. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-41.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive factors**. Oxford: Blackwell, 2010.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

PALMER, Frank. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

THOMPSON, Sandra; MULAC, Antony. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 2, p. 313-329.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. On the rise of epistemic meaning in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, v. 65, p.31-65, 1989.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Comunicação apresentada no XII **International Congress of Historic Linguistics**, 1995. Disponível eletronicamente em <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acessado em 08/12/1998.